Globalização questionada

Dois intelectuais produziram duas perspectivas contrapostas e instigantes. Ambas são fundamentais para entender o fenômeno mais importante de nossos dias.

Por Ana Paula Paes de Paula IFCH-Unicamp

**Por uma outra globalização:
do pensamento único
à consciência universal.**
Milton Santos
Editora Record

**Mundo em descontrole:
o que a globalização está
fazendo de nós.**
Anthony Giddens
Editora Record

Assunto polêmico e relevante, a globalização vem desafiando os intelectuais contemporâneos. Octavio Ianni, David Held & Anthony McGrew, Zygmunt Bauman, Paul Hirst & Grahame Thompson figuram entre os que se aventuraram a escrever sobre o assunto, contribuindo para o debate que já dura mais de uma década. Entre os lançamentos mais recentes, as obras de Milton Santos e de Anthony Giddens destacam-se, pois expressam visões instigantes e contrapostas do fenômeno globalizante.

O livro do brasileiro Milton Santos é uma compilação de seus diversos trabalhos acadêmicos e jornalísticos. O autor realiza um visível esforço para articular seus argumentos sobre a globalização de forma agradável para o leitor. O resultado é um livro consistente, no qual Santos democratiza seu pensamento.

Na visão desse geógrafo, a globalização simboliza o auge do processo de internacionalização do mundo capitalista e pode ser explicada por meio dos seguintes fatores: a unicidade da técnica, a convergência dos momentos, a cognoscibilidade do planeta e a existência de um “motor” único na História, representado pela mais-valia globalizada.

Nesse contexto, emergem três visões da globalização: fábula, perversidade e

possibilidade. A globalização como fábula está relacionada aos mitos que a cercam, como a aldeia global, a contração do espaço e do tempo, a velocidade do cotidiano e a desterritorialização. Na sua opinião, uma vez que a interação global é mediada pelas tecnologias de informação e o acesso a estas é desigual, a aldeia global é parcialmente verdadeira. A globalização como perversidade é o mundo tal como ele é. Para Santos, o caráter perverso da globalização baseia-se em duas violências: a tirania da informação, expressa no modo como ela é distribuída à humanidade, e a tirania do dinheiro, que representa o motor da vida econômica e social. Essas violências são os alicerces do pensamento único e fundam um novo totalitarismo, cujas bases são competitividade, consumo e confusão dos espíritos - o globalitarismo.

O autor acredita que essa evolução perversa tem limites e afirma que há possibilidade de uma outra globalização. Em sua visão, não se trata apenas de uma utopia. A emergência de contra-racionalidades que buscam soluções centradas no homem comprova a existência de condições objetivas e intelectuais para superar a tirania do dinheiro e da informação.

As opiniões de Santos são ponderadas, lúcidas e, dentro dos limites possí-

veis, otimistas. Argumentando que um projeto alternativo nacional baseado nas mesmas técnicas hoje utilizadas pelo capital viabilizariam uma globalização mais humana, o autor convida o leitor para um debate civilizatório, evidenciando que temos controle sobre nosso mundo e que a globalização perversa não é irreversível.

Já a obra do inglês Anthony Giddens é constituída por manuscritos revisados de conferências Reith realizadas para a BBC em 1999. A leitura é mais inteligível para quem conhece sua trajetória intelectual, uma vez que Giddens retoma superficialmente várias idéias defendidas em outras obras suas. Além disso, o leitor que busca uma visão abrangente do sociólogo sobre a globalização pode se decepcionar, já que os capítulos não estão articulados e a elucidação dos argumentos deixa a desejar.

Para o autor, o mundo em descontrole e a velocidade das mudanças atuais são verdades incontestáveis, de forma que a realidade está desmentindo a concepção marxista de que a ciência e a tecnologia poderiam tornar o mundo mais estável e ordenado. Estas duas constatações são suficientes para demonstrar que suas visões são opostas ao pensamento de Milton Santos, já que o geógrafo questiona o descontrole e argumenta que a democratização e humanização das técnicas transformariam o mundo que nos cerca.

A posição de Giddens é congruente com um argumento central que orienta seu pensamento: nunca seremos senhores de nossa própria história. Em sua visão, o mundo em descontrole é um fenômeno natural, e tudo que podemos fazer para amenizar a situação é aprimorar a condução imprecisa.

Ao contrário de Milton Santos, Giddens não admite a hegemonia do econômico e afirma que a globalização é apenas parcialmente ocidentalizada, uma vez que estaria se tornando cada vez mais descentralizada, não estando submetida ao controle de nenhum grupo de nações ou empresas. O sociólogo reconhece que as estatísticas são desalentadoras, mas não atribui a culpa aos países ricos e alerta para a necessidade de reconhecer a “contramão” da ocidentalização, como a “colonização inversa”, presente, por exemplo, na latinização de Los Angeles.

As opiniões de Giddens geram inquietações pelo eurocentrismo e pelo modo como ele escapa à discussão crítica valendo-se de relativizações. Seu tom otimista é pouco convincente tendo em vista que suas considerações minimizam as consequências humanas da globalização. Ainda, assume a vitória do cosmopolitismo sem avaliar conflitos, escolhas éticas e obstáculos para essa transição histórica.

Os argumentos desenvolvidos por Giddens são coerentes com sua produção e posição intelectual, mas o desconcertante é que o seu pragmatismo pode parecer ao leitor mais ilusório que a utopia defendida por Milton Santos.

“Enquanto Milton Santos advoga a hegemonia do econômico, Anthony Giddens argumenta que a globalização estaria se tornando mais descentralizada, fora do controle de nações e empresas.”